

# AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 16  
JULHO 2011

169

EDITORA  
**CAMI**  
clubedoaudio.com.br

R\$14 €6



ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



## A OBRA-PRIMA DA MERIDIAN CD PLAYER E PRÉ-AMPLIFICADOR 808.3



**TV LED 3D - SAMSUNG UN46D7000**  
TECNOLOGIA, INTERATIVIDADE E EMOÇÃO



**ELAC BS 243**  
A REFERÊNCIA INCONTESTÁVEL

### E MAIS

#### TESTES DE ÁUDIO

1. DYNAUDIO SPECIAL TWENTY-FIVE
2. PROAC STUDIO 140 MKII
3. CABO MILLENIUM III

#### CDS DO MÊS

QUATRO DISCOS OBRIGATÓRIOS

#### ENTREVISTA

PRESIDENTE DA AUDIO NOTE UK

#### HI-END SHOW 2011

CONHEÇA AS ÚLTIMAS NOVIDADES

TESTE  
**3**  
AUDIO



# CAIXAS ELAC BS 243

XX Christian Pruks  
cpruks@gmail.com

Analisar e testar um aparelho de som sob as vistas da audiofilia, não é exatamente um trabalho fácil. Não quando se tenta ser o mais objetivo e o menos subjetivo possível. Ser subjetivo é fácil: gostei ou não gostei. Ser objetivo é um trabalho hercúleo - principalmente porque as pessoas têm uma dificuldade em falar a mesma língua que você.

Observando audiófilos - e melômanos que não se dizem audiófilos, mas cuidam de suas aparelhagens - cheguei a duas conclusões. A primeira é que muitos se ligam em um ou dois aspectos (ou critérios) da audição - como palco e corpo harmônico, por exemplo - não prestando atenção no todo. Isso torna realmente difícil entender uma avaliação feita sobre o todo, sobre (no nosso caso) oito aspectos. Mas isso já seria matéria para um artigo específico.

A segunda conclusão foi que, na evolução do audiófilo / melômano, o som 'analítico' virou palavrão. E o transparente virou sinônimo. E virou de tal maneira que vários aspectos que existem no 'analítico', que são necessários ao equilíbrio, sofrem uma tendência a serem ignorados. Ora, é necessário o equilíbrio entre os detalhes vindos do som considerado 'analítico' ou transparente e o calor do som musical. Por quê? Porque o mundo real, dos instrumentos acústicos, dos timbres e da música de verdade, é composto tanto pelo calor e musicalidade, quanto pelos detalhes, clareza e transparência. 'Nem tanto a terra, e nem tanto ao mar'. Um dos equipamentos que está no caminho em busca desse equilíbrio é um par de caixas acústicas bookshelf Elac BS 243.

A empresa alemã Elac Electroacoustic não é muito conhecida dos brasileiros. No panteão audiófilo ocidental atual a Elac não tem muita presença - mas deveria! Os audiófilos das antigas certamente se lembram do nome associado a toca-discos de vinil e cápsulas magnéticas, porém a história da Elac começou bem antes, em 1926, quando se iniciaram pesquisas e desenvolvimento de tecnologias de

sonar. Durante a Segunda Guerra Mundial, a empresa teve sua tecnologia acústico-marítima usada em aplicações militares, mas com o fim da guerra foi preciso diversificar e procurar novos mercados. Foi quando passaram a desenvolver eletrônicos para a área de áudio, lançando em 1948 seu primeiro toca-discos e, subsequentemente, uma variedade de aparelhos para o mercado de consumo europeu. Na década de 80 a empresa, então com bastante tecnologia acumulada, entrou de cabeça na produção de caixas acústicas de alto padrão.

Sentindo-me como um garoto que ganhou um brinquedo, eu recebi as bookshelf Elac BS 243 em acabamento preto piano. A primeira coisa chocante quando se desembala essas caixas é o acabamento e a construção feitos pela Elac: primorosos! Olhando as fotos já dá para sacar o quanto a caixa é bonita.

A linha 240, à qual pertence a 243, é a terceira linha de cima para baixo, dentre um total de oito linhas que a Logical Design está trazendo para o Brasil. As três linhas topo, a 240, a 300 e a 600 já são chamadas pela Elac de 'Audiophile'.

Quando comecei o teste da 243, me toquei de uma coisa que considero muito importante; dentre as melhores marcas de caixas acústicas que eu já ouvi, praticamente todas fabricam seus próprios alto-falantes. A sonoridade mais correta, mais casada, com melhor 'encaixe' entre cada uma das vias depende, na minha opinião, do melhor casamento entre os falantes. A Elac desenvolve e fabrica seus próprios falantes, e o casamento entre o woofer e o tweeter da 243 é tão correto e natural que fica difícil descobrir onde termina um e onde começa o outro.

O tweeter JET é o que mais chama atenção. Segundo a Elac, JET é a abreviação de 'Jet Emission Tweeter', que poderia ser chamado, em tradução livre, de 'tweeter a jato'. O design JET é uma versão ▶

modificada pela Elac para um tipo de tweeter chamado Air Motion Transformer. Tanto o design original quanto a versão da Elac, através do uso de uma membrana dobrada sobre si mesma, resulta na velocidade do ar que sai do tweeter ser várias vezes superior a da própria membrana. O que isso afeta o som? Os agudos da 243 são tão rápidos quanto são naturais, e com uma dispersão melhor que muitos tweeters tipo domo.

Como casar um tweeter tão especial com midwoofer aparentemente comum? Já que é também desenvolvido pela Elac, ele nada tem de comum, sendo seu cone constituído de um sanduíche de papel com alumínio. Tanto um material quanto o outro tem suas particularidades sonoras, mas o papel aqui também impede o brilho comum a falantes de alumínio. O alumínio dá mais peso e rigidez ao cone, resultando em um falante com uma frequência de ressonância mais baixa. Até aí o midwoofer já resulta acima da média, porém a Elac trouxe para esse falante mais uma característica diferenciada: o formato. Chamado pela empresa de 'Crystal', o formato do cone é multifacetado, como a superfície de um cristal lapidado, e cada uma dessas facetas contribui para uma maior dispersão dos médios. Em última análise, essa dispersão também contribui para um maior descongestionamento do palco sonoro.

O resultado da combinação foi uma caixa de sensibilidade um pouco mais baixa, de 87 dB, mas com uma resposta de frequência extensa, de 41 Hz a 50 kHz (cortesia do tweeter JET) e uma capacidade alta de potência. Ela demanda uma amplificação forte, com potência começando na casa do 60 W / canal em 4 ohms, mas, especificamente, com boa reserva de corrente.

Após um período de 100 a 150 horas de amaciamento, o som das BS 243 limpou e amainou. Comecei os testes em um sistema de referência categoria Diamante e uma sala de 25 m<sup>2</sup>. A sala resultou muito grande - as 243 são as bookshelf com menos coloração que eu já ouvi, e isso significa que ela não 'inventar' grave onde não existe. Ou seja, para aproveitar a sonoridade da caixa é preciso usá-la em uma sala apropriada ao seu tamanho. E aqui eu sugiro por volta de 12 m<sup>2</sup> ou menos. Nessas condições não há necessidade de subwoofers, pois a resposta de graves se estende a 41 Hz e eles 'falam' belamente.

O sistema de referência que usei foi um integrado darTZeel, player Playback Designs MPS-5 e cabos de força, interconexão XLR e de caixa, todos da Sunrise Lab. A tentação com as 243 é aumentar o volume - e a caixinha responde sem pestanejar. É uma baixinha invocada! Em condições de teste, tentei algumas vezes chegar ao limite com elas, para ver se o som embolava ou mesmo se havia tendências a barulhos mecânicos - o famoso 'dobrar cone' (não façam isso em casa - como diziam em programas televisivos de auditório, pois pode danificar as caixas ou mesmo o amplificador). O resultado foi que as 243, na linguagem popular, aguentam 'uma pedrada' e 'jogam limpo', sendo que as especificações dizem uma potência máxima admissível por caixa de 150 W.

Resistam à tentação de, em salas maiores, exigirem demais das

243, puxando demasiadamente o volume e jogando mais potência para tentar tirar um grave 'na marra'. As pequenas Elac têm tanta velocidade nos agudos que esses simplesmente não se acovardam quando exigidos, perdendo a naturalidade, colorindo ou mesmo dando espaço aos woofers. E estes últimos também não fogem à luta, não embolam, tendo um forte motor por trás de suas suspensões e cones bem estruturados e bem bolados. Jamais consegui fazê-los colorir os graves.

O setup das 243 foi tranquilo devido à sua grande dispersão. Como sempre, sugiro que às caixas bookshelf se adicione um pedestal de boa altura. Isso feito, as 243, quando bem posicionadas, têm um 'sweet spot' grande e um encaixe entre tweeter e woofer que chega a ser 'dos deuses'. Quando ouvidas a partir do lugar ideal, com os ouvidos na altura dos tweeters (ou um pouquinho abaixo), o encaixe passa então para um nível ainda superior: o 'das deusas'. Fadiga é algo que não consegui obter ao ouvir essas caixas. Muitos esperam que uma resposta de frequência que se estende tanto, chegando aos 50 kHz, e que traga tanta informação e transparência, o faça de forma analítica. Mas as Elac BS 243 são, na verdade, muito musicais! São fortes, mas aveludadas.



#### COMO TOCA

Li em um review na internet aquilo que foi a melhor definição do palco e profundidade das 243: 'a profundidade é tão grande que dá para andar dentro'. Eu mesmo não conseguiria definir melhor. Aspectos como descongestionamento, arejamento e ambiência são soberbos. Sim, soberbos, melhores que uma enormidade de caixas até quatro vezes o seu preço. A apresentação do palco se dá bem aberta e com cada elemento corretamente separado um do outro.

A naturalidade timbrica dos médios e dos agudos é um dos fatores mais altos das BS 243. Instrumentos reproduzidos soam bem próximos dos de verdade. O equilíbrio tonal é muito correto e bonito, não deixando faltar nada, não deixando sobrar nada. A caixa desce bem, com recorte e com clareza, muito mais do que se espera dela. A extensão em cima, em um tweeter que responde 50 kHz, só tem um nome: fartura.

As texturas são bem reais, bem recortadas e tão naturais quanto

